



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 10 | Nº. 19 | Jul./Dez. de 2018

Cintya Chaves

Mestra em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Substituta da UECE, Campus Limoeiro do Norte/FAFIDAM, e da Universidade Aberta do Brasil (UAB)
cintyachaves@bol.com.br

William James Mello

Professor Doutor em História pela Indiana University, Docente filiado do Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) de Indiana University e Professor Colaborador no Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) na Universidade Estadual do Ceará.
wmello58@gmail.com

NOTAS SOBRE UM POLÍTICO INTEGRALISTA E SUA ADESÃO AO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA (PSD) NO INTERIOR DO CEARÁ (1930-1945).

RESUMO

Este ensaio objetiva tratar das motivações do político cearense Franklin Chaves, figura proeminente no cenário político cearense, eleito consecutivamente de 1947 a 1971, após a derrocada do movimento integralista no Brasil e no Ceará. Buscou-se entender os critérios para sua adesão e como suas escolhas envolveram inúmeros sujeitos sociais entre eles, eleitores e correligionários.

Palavras-chave: Partido Político. Integralismo. Partido Social Democrático. União Democrática Nacional.

ABSTRACT

This essay seeks to examine the political options adopted by Franklin Chaves, his supporters and electorate after the decline of integralismo in Brazil and particularly in Ceará. Chaves was an influential politician who held various political offices from 1947-1971 and his political choices were shaped by numerous socially influential groups which comprised his electoral base.

Keywords: Political Parties, Integralismo, Social Democratic Party, National Democratic Union.

Apresentação¹

PSD e LEC. A UDN era o PSD e o PSD era a LEC. Depois veio o golpe do Estado Novo que acabou com os partidos e quando eles voltaram, a LEC passou a ser PSD... A LEC não, o pessoal da LEC passou a ser o PSD e o pessoal do PSD passou a ser UDN – União Democrática Nacional.²

O fragmento acima é uma resposta de Franklin Chaves ao ser indagado acerca da formação do Partido Social Democrático (PSD), partido no qual ingressaria e pelo qual seria eleito, (1947, 1951, 1955, 1959, 1963, 1967 e 1971), deputado estadual. Franklin Chaves descende de uma família que do período Imperial aos anos 1960, deteve o poder local no interior do Ceará, no caso o Vale do Jaguaribe, em especial na cidade de Limoeiro do Norte³, que viveu seu “ápice” político em dois momentos: o primeiro, quando Leonel Chaves, tio de Franklin, ainda no Império, chegou a deputado estadual e o segundo, nos anos 1940 e, que se seguiram, com a vitória do já citado Franklin Chaves por sete vezes consecutivas a Assembleia Legislativa.

O interesse pela família Chaves se deu devido a manutenção de seu poder político partidário local, durante tantos anos, e a ampliação deste, mesmo em conjunturas tão diferentes. Contudo, as reflexões que serão aqui apresentadas, focalizarão na figura de Franklin Chaves e em uma das mais bem-sucedidas “artimanhas” da família, que foi saber aderir ao partido político mais promissor, ora respaldado por aqueles que estavam no poder nacional.

Esta família, família Chaves - tinha como opositora local a família Oliveira e a segunda metade da década de 1940 foi marcada pela vitória tanto dos Chaves como de seus opositores, os Oliveira, no que diz respeito à empreitada em eleger os seus candidatos como deputados do Estado do Ceará, tendo sido representante dos últimos, Manoel de Castro Filho, natural de Morada Nova, eleito oito vezes consecutivas (1947, 1951, 1955, 1959, 1963, 1967, 1971 e 1975) mas que veio residir em Limoeiro do Norte em 1939⁴.

¹ Este trabalho é fruto das reflexões desenvolvidas no segundo capítulo da dissertação intitulada: A Elite Política e o poder local cearense em questão: estratégias e discursos para novos espaços de atuação (1934-1974), no ano de 2014, sob a orientação do Dr. William James Mello. Financiada pela CAPES.

² Entrevista Franklin Chaves, realizada em 23/03/1986. Fita, nº 03, p.15.

³ O município de Limoeiro do Norte, situado na região do Baixo Jaguaribe, estado do Ceará, está a 204,3 Km da capital Fortaleza.

⁴ Tais informações foram retiradas do Memorial Pontes Neto, da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. *Deputados Estaduais: 14ª legislatura 1955-1958/ Assembleia Legislativa do Estado do Ceará*. 2.

No fragmento que inicia esta análise, Franklin Chaves sugere, em certa medida, o porquê de sua família ter acedido ao PSD. Em síntese, o que fica claro é que a família política⁵, que integrava à Liga Eleitoral Católica (LEC), reuniu-se, talvez no sentido literal do termo, e compreendeu que a melhor escolha seria o PSD, já que eles já estavam no poder no governo de Getúlio Vargas e desejavam a continuidade de mandatos.

Ainda a respeito do ingresso, agora em especial de Franklin Chaves, no PSD, o mesmo declara:

Não queria saber de política. Quando regressei a Limoeiro, já tinham fundado ali, o PSD. Convidaram-me a integrá-lo e eu disse: - Eu não me meto em política. Depois os **Ex-Integralistas** movimentaram-se para fundar o PRP – Partido de Representação Popular. [...] A minha resposta foi: Não me meto de jeito nenhum [...]. Quando vieram as eleições o meu cunhado Custódio Saraiva era prefeito de Limoeiro e a minha irmã Judite Chaves, a escritã eleitoral, ambos do PSD. O cartório dela por rodízio era o cartório eleitoral. Então, o doutor Manoel de Castro, esse que foi Governador, era de Morada Nova, mas casado com uma moça de Limoeiro, e era muito amigo de Judite. Mas o doutor Manoel filiou-se ao partido do sogro a UDN e a nossa família, sempre conservadora, integrou o PSD – Partido Social Democrático. O pleito em Limoeiro foi recebido. A situação ia muito equilibrada quando denunciaram contra **o cartório da minha irmã** e o Senhor Juiz com qualquer sindicância transferiu o cartório eleitoral para o 2º Cartório e o localizou no escritório do Doutor Manoel de Castro. Aí então, eles ganharam as eleições. Foi para toda nossa família uma grande decepção. Nesse interim eu disse a Judite [...] eu entrarei na luta política ao seu lado [...]. Foi assim que eu sem querer ingressei no PSD. A perseguição dos adversários contra minha irmã me fez voltar a política. Mas eu tinha que ser a favor dela!⁶

A narrativa de Franklin Chaves, supostamente, esclarecer o porquê dele se colocar inicialmente, como alguém que “nada queria com a política”, porém, expressando um certo interesse acerca do destino político da própria família. Mediar a sua imagem com a de alguém sem interesses políticos foi um recurso que Franklin Chaves usou, inconscientemente ou propositadamente, para demonstrar o quanto havia se decepcionado com o Integralismo (que sua família havia apoiado) haja vista tal movimento ter sido percebido, posteriormente, de modo negativo, dado o seu caráter fascista.

ed. Fortaleza: INESP, 2006. p. 118. Disponível em <www.al.ce.gov.br/index.php/malce-publicacoes?download=301>. Acesso em 04/10/2013, às 14:04.

⁵ Termo empregado na perspectiva de Serge Bernstein, já utilizado no primeiro capítulo deste estudo.

⁶Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 28/03/1984. Fita nº 06, p.04. Grifos meus.

Líder integralista juntamente com Judite, sua irmã, que liderava a ala feminina na década de 1930, Franklin Chaves narrou que aderiu ao movimento através do jornal *O Nordeste*, que chegara a Limoeiro do Norte. Ao ler os artigos de Plínio Salgado, Franklin declarou que começara a gostar e se entusiasmar por aquelas ideias, pois o Integralismo atendia ao que ele pensava e sentia, chegando até a transcrever os escritos de Plínio Salgado. Ele ainda afirma que seus conterrâneos também gostavam do que liam⁷.

Pode-se inferir, neste caso, o papel fundamental do impresso, do jornal, como veículo que comunica ideias, compreensões e como um disseminador de valores e crenças, que eram, neste caso, também defendidas pela Igreja Católica, pois o jornal *O Nordeste* era a voz da Igreja no Ceará e, como o próprio Franklin afirmava: o *Jornal da Arquidiocese*. Assim, os heróis, os inimigos desses heróis, bem como os mitos, símbolos, os valores morais e religiosos da Ação Integralista Brasileira (AIB) estavam impressos nessas páginas, sendo ainda legitimada pela importante instituição que atuou como portadora social de uma “cultura política” compartilhada pelos Chaves. Assim: [...] *nessas publicações muitas pessoas encontram motivações para identificar-se e aderir*. (MOTTA, 2009, p. 24).

Além disso, pode-se pensar que ao ler a respeito de tais ideias, surgiu a vontade de alcançar aquele patamar, principalmente para Franklin Chaves, que vivenciou a experiência de fazer parte de uma família que estava no rol dos reconhecidos socialmente, ou seja, de uma minoria que desfrutava de privilégios que o poder institucional proporcionava. Assim, estes “grandes heróis integralistas” serviram de inspiração tanto para possíveis adesões como para sua maneira de agir no exercício político.

Não se pode esquecer que toda sociedade é marcada pela produção de sentidos, e que no período de 1930 parece aflorar uma efervescência, o brotar de um sentimento nacionalista. Diz-se isto porque na sala que sediava a reunião integralista, em Limoeiro do Norte, havia os seguintes escritos em um cartaz: *O integralismo declara verdadeiros heróis da Pátria os chefes de família zelosos e honestos, os mestres, os humildes de todos os lares* (FREITAS; OLIVEIRA, 1997,

⁷Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 21/03/1984 e 23/03/86. Fitas nº 01 e 03, p. 15 e 03, respectivamente.

p. 111). Para além de uma concepção da moral católica, observa-se que as ações pessoais, particulares, eram entendidas pelos adeptos do integralismo como patrióticas, sendo pois um dever com o seu país ser um bom chefe, palavra que merece destaque, pois traduz a dimensão política, bem como a instrumentalização da família no que concerne “as medidas de controle sociais”, produzindo significados de submissão na forma dos indivíduos interagirem com o Estado.

Não se pode negar que a fabricação de significados específicos para as mais variadas ações, movimentos sociais, ideais políticos, partidos, teve como consequência um encantamento populacional: aprender o hino nacional, reunir-se, celebrar com músicas, transportar bandeiras e desfilar, algo muito presente nas vivências integralistas no ano de 1935⁸, em Limoeiro do Norte, instigava os indivíduos devido a este aspecto dinâmico participativo. Isto é, este tipo de movimento proporcionava espaços de socialização, onde havia a sensação de que, ao ser integralista, se estava servindo aos conterrâneos, já que cooperar com as autoridades constituía uma das premissas do movimento. De tal modo que, ao se apresentarem, por exemplo, para toda a região, estava-se contribuindo inefavelmente para o Brasil e para o Vale do Jaguaribe. Assim, a população participante do Integralismo sentia-se membro constitutivo do corpo⁹ da nação:

Posso dizer-lhe que o integralismo teve sempre em marcha ascensional de que foi iniciado até ser quebrado pelo governo Vargas [...] Ensinei-lhes a Ordem Unida, a cantar o Hino Nacional, a desfilar. Então, o povo achava aquilo bonito, nunca tinham visto coisa igual! [...] Então fui mostrando a eles a necessidades do povo cooperar com as autoridades, a auxiliar a manter a ordem. Os Integralistas faziam ronda de noite na cidade e com isto desapareceram os ladrões de lá – Prestamos este grande serviço ao povo. [...] A polícia local aplaudia a nossa cooperação.¹⁰

Esse entusiasmo que a população manifestou com o Integralismo fez parte das reflexões do historiador cearense João Rameres Régis, que procurou apreender, os significados do Movimento Integralista, procurando não incorporar os discursos desqualificadores que a historiografia teceu acerca do movimento, tampouco desvincular o movimento de seu âmbito nacional, já que alguns de seus

⁸ Segundo João Rameres Régis (2002, p. 84), o início do Integralismo em Limoeiro data, provavelmente, de 1934.

⁹ Ver LENHARO, 1986.

¹⁰ Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 23/03/86. Fita nº 03, p. 08.

entrevistados negavam sua experiência local fascista. Nesse sentido, o autor percebeu que:

O Integralismo foi, portanto, um produto do seu tempo, mas que deixou marcas para a posteridade, haja vista, muitos dos entrevistados para esse trabalho ainda se reportar a ele, com o entusiasmo que sentiram no calor dos acontecimentos. Isso me leva a deduzir que o movimento integralista significou uma utopia para essas pessoas. (RÉGIS, 2002, p. 167)

Não obstante a fala de Franklin Chaves tentar turvar o aspecto político partidário que caracterizou o movimento, querendo ressaltar que foi somente por achar bonito que a população simpatizou com aquele, concorda-se ainda como João Rameres Régis que o jogo político partidário influenciou para que famílias inteiras¹¹, não somente os homens, mas também as mulheres e as crianças aderissem ao Integralismo. A figura de Franklin Chaves remetia a sua família e assim os correligionários, bem como a população camponesa votante, poderiam entender que seria interessante uma participação ativa no movimento, já que daria proximidade a uma família que estava no poder, desde o Império. Ao lembrar do Integralismo, Franklin quer deixar claro que sua participação foi somente espontânea desvinculando-a de qualquer alinhamento político:

Aí eu participei da Ação Integralista, nesse tempo era um movimento mais cultural, não era o integralismo [...] A minha atuação integralista foi cultural [...] recordo do que papai me dizia. Ele prefeito de Limoeiro, e eu, chefiando o movimento integralista local. Eu, muito jovem, muito inexperiente, muito entusiasmado com o Integralismo, que me parecia a vir a ser a salvação para o Brasil. Ele cheio de experiência, um dia me disse: Meu filho, deixe isso, esse integralismo não tem futuro, não vai. Quem já viu agremiação qualquer chefiada por Padre ou por Soldado ir para frente? [...] Depois, já com o exemplo do que ocorreu na Alemanha e na Itália, eu me convenci de que o Integralismo seria também um Estado Totalitário [...] se viesse assumir o poder. Já era este o meu estado de espírito quando o Presidente Getúlio mandou fechar a Ação Integralista. Então dei graças a Deus. Livre da política dediquei-me mais aos negócios da nossa firma [...] ¹²

A narrativa da negação do alinhamento político com o movimento integralista explica-se devido ao fato de o movimento ter sido comparado ao

¹¹ São elas: as famílias Guerreiro, Pitombeira, Fidélis. Houve também participações individuais relevantes, já que a memória da família Chaves faz questão de ressaltar. Assim, Franklin teve como colaboradores principalmente sua irmã Judite Chaves, João Nogueira Sobrinho, Luiz Mano, Mestre Zé Sombra e Napoleão Nunes Maia, todos tidos como amigos de Franklin. (FREITAS; OLIVEIRA, 1997, p. 89).

¹² Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 21/03/84 e 23/03/86. Fitas nº 01, 03, p. 15, 05, 08, 09, respectivamente.

Fascismo. Assim, Franklin, ao ratificar que a sua atuação foi apenas cultural, tem como objetivo desvincular sua imagem deste caráter do movimento, pois tal dimensão não foi gloriosa, principalmente tantos anos depois, como na década de 1980, período da entrevista. Assim, a recordação dele como líder integralista que não pode negar, foi direcionada no seu discurso para um movimento despolitizado, sem pretensões, apesar de indiretamente, no próprio trecho, ele destacar o caráter político do movimento, de maneira geral, quando deixa entender que este pretendia ter um representante na presidência.

A própria experiência do fechamento da AIB não foi tão tranquila, como ele desejou transmitir, pois, em outro trecho, declarou: *O Jeová foi retirado daqui e o Padre Helder escardinado [sic] para o Rio de Janeiro.*¹³ Franklin conviveu com o processo de rejeição da Igreja Católica (que antes apoiava a doutrina integralista), algo que deve ser entendido como um caráter muito forte para alguém que teve na Igreja inspirações de como se relacionar com determinadas instâncias políticas.

Ao declarar seu ingresso no PSD, Franklin Chaves evocou a dimensão da decepção que teve com a experiência integralista, tanto para dissociar sua imagem da figura conservadora e autoritária que o fascismo aludia, como para deixar claro que não tinha interesse na vida pública e que não comungava da pretensão de seguir a carreira política, tentando tornar mais despropositado o seu ingresso, algo que se sabe que não passar de jogo retórico, com o qual ele configurou sua família como perseguida, precisando com urgência de sua defesa. Pelos escritos de Lauro de Oliveira Lima percebe-se que a força do movimento integralista em Limoeiro incomodou bastante os oposicionistas, no caso, os Oliveira, acirrando os conflitos entre os dois grupos. Procurando salientar o caráter fascista do movimento, ele reafirma o discurso de Franklin de que os camponeses eram empolgados com as cerimônias e não tinham a noção da real doutrina. Como forma de afirmar tal empolgação, Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 360) escreve:

Diz Waldy Sombra, neto de um dos líderes do movimento, o mestre José Sombra, que em Gangorra, quando ele era menino [...] instalou-se um pelotão integralista que funcionava a noite, depois da jornada de trabalho. As instruções eram ministradas à luz da “petromax” (farol), na sala da escola. A “ordem unida” era feita no terreno da fazenda, [...] aos gritos alternados de “um-dois, um-dois”. “meia volta, volver”! Pedro Xavier, um velho simplório, era fanático do movimento

¹³ Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 23/03/86. Fita nº 03, p. 05.

e, até o fim da vida, conservou, no fundo da “bruaca”, sua gloriosa camisa verde (é impressionante a fidelidade dos integralistas ao movimento).

Na tentativa de depreciar o movimento, bem como os sujeitos que aderiram a ele em sua simplicidade de vida, a fala de Lauro de Oliveira, trouxe para este estudo, elementos relevantes para uma compreensão mais plural do movimento integralista o Vale do Jaguaribe. Logo, é impossível resumir o movimento integralista apenas ao jogo político-partidário, ou apenas olhar para aqueles que a ele aderiram como pessoas que fizeram tal escolha somente porque “achavam bonito”. Um indivíduo que guarda um expressivo símbolo de seu partido, como a camisa, não aderiu a este somente por “achá-lo bonito” ou somente por disputas político-partidárias locais, pois esta compreensão se esvai mais facilmente se não for ancorada por forte teor ideológico, entendido aqui como *um sistema de crenças compartilhado por todos os que dizem pertencer ao partido, sejam eles militantes, membros ou simplesmente eleitores* (BERSTEIN, 2003, p. 86).

Apesar de produções acerca do Integralismo¹⁴ que caminharam para uma análise depreciativa do mesmo, este também foi entendido como emblemático para se pensar a relação de partidos políticos no âmbito do nacional, já que foi o primeiro a conseguir o status de *nacional*, devido ao grande número de adesões (TRINDADE, 1979, p. 01). Assim, o Integralismo, como partido¹⁵, deve ser entendido como um instrumento de socialização produzida não somente localmente, mas em escala nacional, que neste caso atuou como catalizador, em especial das aspirações da população (BERSTEIN, 2003 p, 70-92).

O fato de Franklin Chaves ter sido o líder deste movimento, em Limoeiro do Norte, desenhou contornos acerca de sua imagem, circulando toda uma admiração em torno de sua figura e liderança logo no período pós 1930. Neste sentido, Régis (2002, p.92) afirma: *Não é por acaso que a maioria dos entrevistados vão sempre se referir a Franklin como um homem jovem, de grande capacidade de organização e de bom discurso, capaz de empolgar os que o ouviam*. Assim, Franklin Chaves se tornou mais conhecido e tinha no sobrenome a estirpe tradicional, sem, contudo, as máculas devido a sua jovialidade sendo, portanto, o candidato Chaves perfeito para compor as bancadas do Estado como deputado.

¹⁴ Ver FERNADES, 1979, p. 11 e VASCONCELOS, 1979, p. 17.

¹⁵ Foi somente em 1937 que o Integralismo conseguiu seu registro como Partido Político.

Aderir ao PSD, antes de tudo, foi uma estratégia política, para continuar ocupando os cargos institucionais que, desde o início, oportunizaram privilégios singulares à família Chaves. Assim, nos anos 1940, eles viram o quanto era importante se fortalecer dentro desta nova - velha dinâmica política e os partidos, eram (são) um lugar por excelência *onde se opera a mediação política* (BERSTEIN, 2003, p. 60).

Nesse sentido, criado para responder a um determinado momento histórico, para Berstein (1997, p. 67) os partidos, “nascem” ancorados nas crises e/ou nas rupturas intensas, buscando responder a questões de uma massa e formular uma concepção que perdure em detrimento do tempo:

Um partido não nasce fortuitamente, da decisão de seus criadores, e só tem chance de sobreviver se responder de uma maneira ou de outra a um problema fundamental colocado para a sociedade contemporânea, e que faz com que haja adequação entre a imagem que ele transmite de si mesmo e as aspirações mais profundas de uma parte importante da população que aceita, como solução para os problemas que ela percebe, a mediação política que lhe propõe. (Berstein, 1997, p. 67-68)

De um ponto de vista do quadro político nacional, o nascimento de um partido se dá por estas questões enunciadas por Serge Berstein. A começar pelas siglas dos principais partidos, PSD e UDN, pós Estado Novo, que traduziam a grande aspiração social, aludindo a uma noção de democracia, em detrimento da política vigente, de caráter ditatorial. Deste modo, devido à dimensão discursiva da política, os partidos, através de suas propostas, passam do domínio concreto para o âmbito do discurso, que é perpassado por ideias e por linguagens codificadas que lhes são próprias, conseguindo, assim, articular *as aspirações mais ou menos confusas das populações* (BERSTEIN, 2003, p. 61).

Contudo, é importante ressaltar que, no plano político local de Limoeiro do Norte, em especial dos Chaves e da política que eles traduziam, ou seja, as formas com as quais eles se relacionavam com os eleitores, talvez essa dimensão tão ideológica para adesão da população ao PSD, se esvaísse em meio a uma dimensão de uma adesão por laços pessoais. Segundo Franklin Chaves, esta dimensão pessoal era, inclusive, um elemento importante para fazer parte do PSD: *Agora a supremacia da bancada do PSD, talvez se possa explicar por que os partidos [...] procuraram atrair em todo o Estado pessoas capazes de congregar*

mais votos e também de maior expressão pessoal ¹⁶ Essa afirmação que Franklin Chaves faz em relação à *maior expressão pessoal* deve ser percebida em suas múltiplas possibilidades de significados, em uma proposta polissêmica, pois é um indício das subjetividades pertencentes às relações políticas que se imprimiam pelo território cearense.

O correligionário em cena e a escolha de um partido político no pós-1945: adesão por afeição e interesses?

Justamente pelas pessoas que tinha aqui... papai muito amigo de Celso Chaves ele votou e nós continuamos a votar.¹⁷

Nas entrevistas realizadas com descendentes dos correligionários e os opositores de São João do Jaguaribe da família Chaves, a depoente, Maria Nilza Silva Chaves, de 83 anos, se refere a Celso Chaves, parente da família Chaves de Limoeiro do Norte, que residia em São João do Jaguaribe, na época distrito de Limoeiro, correligionário da família e cabos eleitoral no distrito, ou seja, aquele que se encarregava de “pedir o voto”. Percebe-se que é a relação familiar que intervém e conduz estas pessoas ao partido e não o contrário, isto é, não foi o partido que propiciou uma ligação destes indivíduos, em suas propostas. Da mesma forma, era com a União Democrática Nacional (UDN):

Partidos opostos politicamente, mas amizade era (se referindo a Franklin) nunca nós faltamos com a nossa obrigação, né... podia-se alguém da UDN voltar em Franklin, como alguém votou, eu não voltei, porque desde que eu entrei na política, foi com Manoel de Castro, me dava muito bem com ele, ele me considerava muito, olha aí o retrato dele ali, dele e de Virgílio Távora. E eu só não voto mais com ele, por que ele morreu mais se mandasse um recadinho para mim eu ia votar no candidato dele viu!¹⁸

Esta é resposta que o senhor José Adauto Chaves, 86 anos, quando perguntado de que partido ele era. Percebe-se que são as figuras de Franklin

¹⁶ Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 28/03/84. Fita nº 05, p. 05.

¹⁷ Entrevista realizada em 09/09/2013, com Maria Nilza Silva Chaves, 83 anos – correligionária dos Chaves. Duração: 45 minutos.

¹⁸ Entrevista realizada em 11/09/2013, com José Adauto Chaves, 86 anos, adversário político dos Chaves. Duração: 01:07 (uma hora e sete minutos).

Chaves ou de Manoel de Castro que farão os grupos se reorganizarem em torno dos partidos. Melhor dizendo, os correligionários dos distritos de Limoeiro do Norte ficavam esperando para ver com quem seus “chefes” iriam se filiar. Assim, se a família Chaves se ligasse a um partido, quem era da família política deles também migrava para este partido. Da mesma forma acontecia com os Oliveiras.

Considerando as falas dos entrevistados, é oportuno tocar nesta questão da lealdade política como integrante nas relações políticas forjadas entre esses indivíduos. Era uma sociedade marcada por referências culturais em que o fato do sujeito “dar a palavra” era o suficiente para que aquilo que fosse dito, fosse cumprido. Era também uma sociedade da “gratidão”, ou seja, o fato de seu Aduato ter ingressado na política com Manoel de Castro, era o suficiente para ele votar, em quem Manoel ordenasse, não importando o partido,

Da mesma forma ocorria com os correligionários dos Chaves: as pessoas votavam em quem seus pais votavam e era a relação de amizade que mediava em quem se iria votar, ou seja, o fato de ter uma relação de amizade com um dos principais cabos dos Chaves era definidor para os pleitos eleitorais. Tal atmosfera sociocultural perpassou aquilo que já fora identificado como *certo clima cultural* em que políticos, *militantes* e eleitores simpatizantes compartilhavam (BERSTEIN, 2003, p. 87-88).

É interessante destacar, contudo, que apesar das pessoas não aderirem ao partido por sua proposta ideológica, ele se configurará como uma noção agregadora em que os sujeitos sociais votavam, primordialmente, nos candidatos que representassem sua sigla:

Naquela época quem era udenista votava no candidato da UDN, quem era Pesedista, votava no candidato do PSD. No Alto Santo, por exemplo, os Machados, a família Machado era do PSD votava com Franklin, vou dizer o nome de cada distrito, São João do Jaguaribe, Celso Chaves que era presidente do PSD votava no Franklin Chaves [...] Tabuleiro do Norte era Manoel Guerreiro Gondim PSD, ai também tinha os da UDN, que votava em Manoel de Castro. Nem Franklin Chaves, nem Manoel de Castro nunca foram derrotados.¹⁹

Observa-se assim, que a dimensão pessoal era o intercessor que desencadeava a adesão partidária. Porém, depois de uma completa adesão,

¹⁹ Idem.

vinha a segunda expressão de fidelidade, que seria ao próprio partido. Este, entendido como *uma reunião de homens em torno de um objetivo comum*, ou seja, referindo-se *aos grupos que se esforçam, por reunir os homens tendo em vista uma ação comum sobre o poder ou organização da sociedade* (BERSTEIN, 2003, p. 71-72), também tinha um papel fundamental para organização política do estado como todo. Pois, pelo fragmento acima, nota-se que depois que os líderes locais decidiam a que partido aderir, os correligionários dos distritos também se reorganizavam em torno de suas adesões, sendo estas, fundamentais para as eleições, não só no âmbito local, do interior, mas dos cargos que possuem o caráter estadual, como deputado e governador, por exemplo. Era importante para estes indivíduos que estavam no poder do Estado ter uma relação muito próxima com os líderes locais, pois estes eram cruciais no desenrolar das eleições e reeleições de seus cargos.

Em contrapartida, ter uma relação tão próxima com o governador do Estado ou com um deputado estadual, fazia com que tantos chefes ou correligionários locais se sentissem importantes, já que tinham-lhes admiração, devido à projeção já trilhada por aqueles na carreira política. Além disso, essa aproximação produzia a sensação de que seria mais fácil o acesso, quando necessário, devido ao fato desta “proximidade”. O fato é que o partido oferecia também certa coerência na escolha dos candidatos em que votar. Assim, seria estranho, no âmbito daquela família política, se um de seus membros votasse em um candidato, no caso para um cargo do setor estadual, que não fosse de seu partido.

Portanto, percebe-se que, em um primeiro momento, os correligionários, tanto dos Chaves como também dos Oliveira, não atentavam para o partido, mas sim para seus líderes, esperando primeiramente a adesão daqueles. Em um segundo plano, o partido tornava-se vital e “dirigia” todo o decorrer das relações políticas, principalmente no que se refere aos que “representariam” o Estado do Ceará.

Nesse sentido, é importante pensar que realmente os partidos possuem o papel de selecionar as “elites políticas” e possibilitam a estas trilhar uma carreira, tendo em vista a socialização política que eles operam. Essa socialização, como já referido quando se falou do Integralismo, desenvolve-se pelo aspecto cultural que

estes imprimem e dissemina-se nas relações de uma forma quase “inerente”, provocando assim uma estruturação do eleitorado (BERSTEIN, 2003, p. 92).

Desse modo, tem-se o primeiro entendimento para os indivíduos, em tantos anos, alcançarem consecutivas vitórias nos pleitos, a exemplo de Franklin Chaves e Manuel de Castro. O fato é que, em primeira instância, o partido subsidia uma ampliação no que diz respeito aos espaços de atuação e poder e possibilita tais ações devido às coligações que conseguem estabelecer, ao apoio que media entre candidatos que as compõem, em prol da vitória da sigla, e aos novos contatos que engendra, não se restringindo uma dimensão localizada.

Portanto, no momento de inconstância nacional e, portanto, local, o PSD era o meio de poder mais propício para que os Chaves conseguissem permanecer nos cargos políticos. Os motivos da adesão deste grupo foram claros, pois era básico integrar o partido do presidente, ou de quem possuía maior possibilidade de ganhar as eleições. Franklin Chaves atesta isso em duas passagens emblemáticas de sua entrevista, para refletir a respeito da escolha da família pelo PSD. Na primeira, ele manifesta como percebia a oposição:

A UDN, era um partido de oposição e em geral as oposições, são compostas de indivíduos mais sensíveis, mais irritados, mais trepidantes por formação. Já os partidos de governo são formados por indivíduos de uma mentalidade mais quieta, mais pacata, mais objetiva e, quem sabe, talvez, mais interesseira [...] eu inicialmente, fui um indivíduo de oposição. Interessei-me pelo integralismo que era um movimento, que estava nascendo e de posição para aquele estado de coisas. Mas, posteriormente, as ligações de família.... Pelo fato da minha família ter sido hostilizada por elementos da UDN, tive que formar no lado do PSD [...].²⁰

Franklin Chaves, em um primeiro momento, caracteriza a oposição como aguerrida, construindo imagens dos integrantes dos partidos governamentais como agregadores, de pessoas mais centradas. É fato que, ao construir a imagem do partido do governo, ele está tecendo um discurso sobre a sua própria figura. O interessante é que, em um segundo momento, Franklin, ao que parece, se dá conta que está estereotipando a oposição e faz uso de um recurso retórico para amenizar suas colocações, afirmando que ele teria iniciado sua carreira política como um oposicionista, o que não condiz com a sua participação, até mesmo porque, a

²⁰ Entrevista de Franklin Chaves, realizada em 28/03/84. Fita nº 05, p. 02.

princípio, Vargas simpatizava com o movimento, somente depois mandou “fechar” a Ação Integralista. Assim, a “oposição dos Chaves” não resiste à análise histórica.

Esta passagem, contudo, diz muito a respeito da visão social que se tecia acerca da oposição, do imaginário político criado em torno daqueles que eram “contra o governo”, não somente em Limoeiro ou no Ceará, mas no Brasil. Ela “revela” as articulações daqueles que detinham a máquina do Estado, no sentido de cultivarem sua permanência no poder público, pois, devido a este, os indivíduos usufruíam de inúmeros privilégios.

Em outro trecho, Franklin Chaves expressou a insatisfação de ter um presidente da República que não colaborava com o seu partido:

Dutra tinha sido eleito. O PSD tinha triunfado com a vitória do General Dutra, mais [sic] acontece que, no Ceará, em face da colisão feita pelo Presidente, dando à UDN, alguns Ministérios, não sei porque cargas d’água, ele no Ceará apoiou a UDN. Nós, do PSD., ficamos numa situação muito delicada porque o Presidente da República, eleito pelo o nosso partido, e com o nosso concurso tornou-se inteiramente contra nós. [...] Não tínhamos condições para lutar contra o Presidente da República. [...] era o sentimento pessoal do PSD do Ceará pela conduta do governo Federal em relação ao PSD local.²¹

A insatisfação que Franklin Chaves demonstrou ao lembrar-se da postura de Dutra e a maneira como ele se referiu à figura do presidente, demonstra como se davam as relações da federação com os estados. É fato que no governo do general Eurico Dutra, o PSB, não alcançou a soberania devido ao lema do presidente, que proclamava ser o “presidente de todos os brasileiros”.²² Franklin Chaves, ao tocar nesses ressentimentos que surgiram no interior do partido devido a essa postura de Dutra, proporcionou a este ensaio um olhar acerca de como as agremiações locais se sentiram, em especial as do Ceará, em relação à postura do presidente. E para compor isto, ele conta, nessa mesma entrevista, ser a revolta de seus companheiros de partido tão acentuada, que em uma reunião, quando um destes viu a foto do presidente na parede, encheu-se de indignação, chegando a ofendê-lo com adjetivos pejorativos. O que é rico ainda neste fragmento é que ele confirma a questão já proposta por esta pesquisa quanto às motivações da família

²¹ Idem, p. 05.

²² Ideia mensurada pelos Dossiês a respeito da Era Vargas pela Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/PartidosPolitic>>. Acessado às 22:02, em 23/10/2013.

Chaves ter aderido ao PSD. O que é interessante refletir é que a “conjuntura” entendida como nacional por vezes remodela, no plano local, experiências e adesões e produz variantes e explicações que a elite tece para ela própria, para seus correligionários e para a massa de eleitores em geral, operando produção de sentidos.

O memorialista Antonio Pergentino Nunes (1999, p. 268-269), correligionário da família Chaves, declara o quanto a redemocratização exigiu uma reorganização no plano local:

No plano municipal, com a reordenação institucional do Brasil com a constituinte de 1946, os partidos políticos foram reorganizados e procedeu-se, então, às primeiras eleições depois da redemocratização do país, em data de dezenove de janeiro de dezenove de janeiro de 1947 [...] Cumpre lembrar que Limoeiro naquela época, integrava os atuais municípios de São João do Jaguaribe, Tabuleiro do Norte e Alto Santo. Por estratégia política, os partidos, tanto PSD como a UDN, lançavam candidatos a vereador nos distritos, com o objetivo de aquelas lideranças distritais garantirem o suporte político nos mais longínquos recantos da grande área compreendida no município do Limoeiro do Norte [...].

Percebe-se que os partidos políticos, PSD e UDN, atuaram como um mediadores de uma teia de relações onde a sociedade, se percebidos pelo recorte político-partidário, se estruturara pelos seguintes setores: a elite, que subdividia-se em elite política, os Chaves, e a elite opositora, os Oliveira; os correligionários, tanto do PSD como da UDN, e o outro montante da população, que seriam aqueles pelos quais os partidos disputariam entre si para estabelecer sua supremacia, em busca de vitórias nos pleitos de seus candidatos.

Portanto, no plano das negociações socioculturais e políticas havia a elite política²³, buscando sua estabilidade ante a ameaça em uma eleição, depois de oito anos consecutivos no poder, durante o Estado Novo. Sem mencionar as vitórias que ela conseguira através da LEC, a partir de 1934, elegendo vereadores e prefeitos. Assim, esta elite desejava se firmar ante a este novo-velho sistema, que tinha variações e reestabeleceu entraves que a década de 1930 trouxera, como, por exemplo, a Justiça Eleitoral, criada em 1932, tendo sido reinstalada em nove de junho de 1942, pelo Des. Faustino de Albuquerque. Diante dessa volubilidade, um dos principais meios de poder dos Chaves, os cartórios,

²³ Ver BUSINO, Giovanni. *Elites et élitism*, citado por HEINZ, 2006. p.07.

“perderam, pelo menos teoricamente, sua autonomia” sendo parceiros²⁴, mas também “supervisionados” pela Justiça Eleitoral, já citada. Porém, não bastava isso: a elite teve que lidar com o novo juiz eleitoral, Manuel da Castro, que era o candidato apoiado pela elite oposicionista, os Oliveira.

Tudo leva a crer que nesta dinâmica sociopolítica, estão, abaixo da elite, os correligionários, como peça vital na dinâmica das eleições, para o sucesso dessa elite política. Os correligionários apoiavam essa elite porque, de algum modo, entenderam que possuíam menos poder que ela e, por isso, teriam que apoiar, pois somente assim eles alçariam a uma espécie de “fatia do poder”. Deve ser considerado também que havia uma relação inteligível de fidelidade compartilhada entre estes sujeitos. Estes, até certo ponto, se admiravam e se respeitavam em uma dimensão muito mais social, que em qualquer outro âmbito. Pode-se dizer que a elite também selecionava os seus correligionários, pois investia em quem entendia ter a capacidade de agregar o maior número de votantes. É a este respeito social que aqui é referido, pois essa elite percebia esses indivíduos como a chave para o seu sucesso nos pleitos, vendo neles algo que os distinguia no geral, mas tal respeito garantia a ligação ao grupo que, neste caso, acredita-se como elemento da “cultura política” vivenciada, em um complexo compartilhamento de comportamentos mais que de ideias.

No caso dos Chaves, o fato de ser da própria estirpe ou descendente das famílias que tradicionalmente os apoiavam, isto é, que em períodos anteriores respaldaram a família na figura de seus antepassados, constituía-se tais “qualidades” aspectos fundamentais para conseguir adentrar ao grupo, no sentido de tornar-se um correligionário. Exemplos disso são os correligionários de São João do Jaguaribe: praticamente eram todos parentes da família, como Valdemar Chaves, Celso Chaves, Álvaro, Getúlio²⁵ e a família de Antonio Pergentino que, no

²⁴ No documento *Zonas Eleitorais do Estado do Ceará aspectos históricos - 1932-2005*, produzido pelo Tribunal Regional Eleitoral Ceará, há um reconhecimento da importância dos cartórios para as zonas eleitorais. Segundo ele: “A par disso, há que se destacar o papel dos cartórios eleitorais. A cada zona eleitoral instituída, um cartório é simultaneamente estruturado, demandando, para seu funcionamento, um quadro de pessoal que tenha a necessária competência e disponibilidade para bem conduzir os pleitos. Para a consecução de seu objetivo primordial, qual seja, proporcionar ao eleitor as necessárias condições para o exercício do voto, é, em grande parte, com o trabalho executado pelos cartórios eleitorais que o Tribunal Regional Eleitoral tem contado ao longo de sua existência.”

²⁵ As entrevistas realizadas em 11/09/ 2013, com José Aauto Chaves, 86 anos, adversário político dos Chaves, com duração de 01:07 (uma hora e sete minutos), e com Maria Nilza Silva Chaves, 83 anos,

Império portava divergências com os Chaves comportava-se com fidelidade, algo que nos escritos de Antonio Pergentino é constantemente ratificado.

Coloca-se também a hipótese de que, possivelmente, se alguém do grupo dos Chaves “credenciasse” um indivíduo, demonstrando que era de confiança, este poderia também compor o rol do grupo. Contudo, o que ficou muito claro é que para ser um correligionário, havia uma relação de anos entre a família e este indivíduo, ou com seus antepassados. É fato que alguns destes correligionários tratavam a elite com inteira devoção, percebendo-os como líderes inigualáveis e inatingíveis, como expressa Antonio Pergentino em relação, principalmente, a Judite Chaves.

É importante destacar ainda que, diferente do que o memorialista expressa, a explicação do fato de correligionários poderem alçar o “status” de vereador não se restringe em apenas uma forma de defender os interesses mais distantes da sede, que no caso era Limoeiro do Norte. Acima de tudo, deve-se compreender que as alianças correligionárias eram uma forma da elite limoeirense recrutar apoio, sedimentar-se nos lugares mais longínquos, como forma de, inclusive, dizer aos votantes desses lugares, que eles não eram esquecidos e que poderiam se reportar a determinada pessoa, quando precisassem de “alguma ajuda”.

O correligionário aceita esta posição porque dentro de sua comunidade ele passa a ser olhado de maneira diferente e ainda, efetivamente, participa daquilo que este estudo compreendeu como uma “fatia” do poder. Assim, percebeu-se que, a partir de 1945, a figura do correligionário apareceu com mais destaque na dinâmica política, pois ele atuava como uma força política, principalmente da agremiação, isto é, da sigla que defendia localmente, tornando-se um eco para a “popularização” de um partido.

Por fim, há a massa de eleitores, os grandes agentes do dia tão esperado nos processos políticos, que é a eleição, traduzindo aquilo que já ficou consagrado, nos estudos políticos, como a “opinião pública”. Ela possui o papel primordial de legitimação em um regime que se diz democrático. Como já demonstrado, em uma primeira instância ela percebia muito mais o indivíduo, a figura pessoal do

realizada em 09/09/2013, correligionária dos Chaves, com duração de 45 minutos, “revelaram” estes nomes que, em um cruzamento de fontes, obtiveram confirmação.

correligionário ou do próprio candidato do que a sigla que ele carregava. Posteriormente, o indivíduo correligionário já passa a ser percebido como indissociável do partido e do candidato que “representa”. Em torno desta questão, há de se destacar o papel dos adereços políticos, ou seja, toda a arte que envolve a cena política. Tanto as músicas, as bandeiras, os discursos, as fotografias, os símbolos, em suas mais variadas formas, envolvem o imaginário político de uma maneira que, por mais jovens que as pessoas fossem, ou desligadas, como se caracterizaram, principalmente as entrevistadas, emergem lembranças em torno desses signos:

Tive de ver Franklin Chaves, em política eu tive de ver, recorde de nome, retrato, [...] eu tenho lembrança de ouvir hino de Franklin Chaves, [...] cansei de ouvir, cantar, tenho bem lembrança que tinha hino de Franklin Chaves.²⁶

O excerto acima da entrevista de Francisca Martins Lima, conhecida por Salete, de 75 anos, foi a mais rápida de todas as que foram realizadas, haja vista, a entrevistada repetir indefinidamente que “não recordava de nada”. De fato, pouco ela quis falar. Um dos motivos deve-se ao receio de ofender, de dizer o que não devia, pois, em conversas informais, ela se expressava de maneira mais desinibida. O outro motivo é porque a mesma, aparentemente, não se lembrava de aspectos ligados à dinâmica política. Contudo, o mais intrigante é que, ao mencionar o nome de Franklin Chaves, o que lhe remeteu de imediato à memória foi o “arsenal” simbólico, característica que perpassa diferentes culturas políticas, montado pela elite política para que seu candidato se popularizasse.

Não houve como mapear estas fotografias, estas músicas, portanto, não se sabe se tais elementos de comunicação e linguagem imprimiam a cultura política do grupo²⁷. Contudo, destaca-se o depoimento de Salete por ser importante para refletir como estas formas de comunicação que são emitidas pelos candidatos, tendo como destinatários os eleitores, constituem um imaginário político, sendo utilizadas como mecanismos pedagógicos. Isto é, alimentou-se introyecções em uma operação concomitante de sentidos – o ver, o ouvir, o falar, melhor dizendo, o cantar

²⁶ Entrevista realizada com Francisca Martins Lima, 75 anos, em 09/09/2013. Escolhida por ter sido contemporânea da época, tendo sido eleitora no período contemporâneo a Franklin Chaves como deputado estadual em busca de suas reeleições.

²⁷ Como já ressaltado, muitos confundem imaginário político com cultura política. Ver Motta, 2009, p.25.

– em que estes elementos corroboram para que o indivíduo, nas mais singelas das hipóteses, não seja esquecido, produzindo aprendizados através do caráter dinâmico de fixação que estes meios proporcionam.

Assim, a figura do candidato instaura-se no imaginário²⁸ da população de uma maneira constante e interminável. Através, em especial, da música, pode-se pensar que ideias e valores foram lançados, contribuindo para aqueles que ainda não tinha sido conquistados, ou alcançados, além de serem ratificadas noções presentes que já perpassavam os eleitores de Franklin, no caso. O que fica evidente é que esses mecanismos simbólicos ultrapassam os tempos, sendo uma das formas que mais marcam o eleitor e imprimem, na memória, a sua presença, mesmo na ausência.

Considerações Finais

Neste difícil exercício de síntese almejou-se problematizar aspectos culturais do político que perpassaram as inelegibilidades dos processos partidários e eleitorais, em especial a partir de 1945. O que motivou a tomada de decisões de grupos políticos, no que diz respeito a adesão de um partido em detrimento de outro integra o que se pode configurar como subjetividades planejadas. É importante ratificar que este caráter ideológico dos partidos foi colocado em “xeque”, pois a adesão destes sujeitos sociais dava-se muito mais pelas relações já estabelecidas ou criadas, do que com o que era “pregado” pelo partido. Isso não se aplica ao caso do Integralismo, que, essencialmente, difundiu-se como doutrina, conquistando adeptos, traduzindo, sim, as confusas aspirações da população. Ele se tornou organismo vivo e se difundiu como preceito em uma relação mutualística com seu líder limoeirense, Franklin Chaves.

Já com o Partido Social Democrático, PSD, não ocorreu assim. As pessoas votavam no partido devido às relações já mantidas com os Chaves; viveu-se essa dimensão do partido, pois esse era o meio de poder que os Chaves encontraram

²⁸ O conceito de imaginário neste capítulo foi concebido como: [...] *uma realidade tão presente quanto aquilo a que poderíamos chamar de vida concreta, uma dimensão tão significativa das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como realidade efetiva* [...] *sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais, verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas* (BARROS, 2005, p. 92-94).

para se estabelecer diante daquela nova conjuntura. Tudo indica que se eles tivessem aderido à UDN, desde que este partido fosse o do presidente Vargas, eles não teriam perdido seus correligionários, nem os votos conquistados. No entanto, se tivessem optado por uma UDN que, em sua essência, fosse contra Getúlio Vargas, pode-se pensar que haveria conflitos no grupo, por parte dos correligionários.

Fontes

Entrevista realizada com José Aauto Chaves (adversário político dos Chaves), 86 anos, em 11/09/2013.

Entrevista realizada com Maria Nilza Silva Chaves (correligionária dos Chaves), 83 anos, em 09/09/2013.

Entrevista realizada com Francisca Martins Lima (parente de Ita Alexandre, ex-vereadora do município de São João do Jaguaribe), 76 anos, em 09/09/2013

Entrevista do Sr. Franklin Gondim Chaves, produzida e pertencente ao acervo do Núcleo de Documentação Cultural - NUDOC/UFC.

FREITAS, Maria das Dores Vidal; OLIVEIRA, Maria Lenira (orgs.). Judite: centenário de nascimento (1906–2006). Fortaleza: Premius, 2006.

LIMA, Lauro de Oliveira. Na ribeira do rio das onças. Fortaleza: A. Almeida, 1997.

NUNES, Antonio Pergentino. Minha Vida... Minha Luta... Fortaleza: Premius, 1999.

Bibliografia

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-46.

_____. Os partidos. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 57-98.

BORGES, Luiz Adriano Gonçalves. **Notas sobre o conceito de elite para Brasil dos oitocentos**. Disponível em <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Luiz%20Adriano%20Gon%20alves%20Borges.pdf>>. Em 16/06/11.

BUSINO, Giovanni. **Elites et élitism**, citado por HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LIMONGI, Fernando. **Eleições e Democracia no Brasil: Victor Nunes Leal e a Transição de 1945**. DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 55, no 1, 2012, pp. 37 a 69. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v55n1/a02v55n1.pdf>>. Em 13/11/ 2013, às 15:28.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e Possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In_____ (org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 13- 37.

REGIS, João Rameres. **“Galinhas Verdes”: memórias e História da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937)**. Dissertação de Mestrado em História Social. UFC – Orientadora: Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa. Fortaleza, 2002.

REMOND, René. (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

Cintya Chaves

Mestra pelo Curso de Mestrado Acadêmico em História pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará/UECE- FAFIDAM/ (2011), ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET HISTÓRIA. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Selvíria-FAS, Campus - Limoeiro do Norte. Atualmente é Professora Substituta da Universidade Estadual do Ceará, Campus Limoeiro do Norte/ FAFIDAM, no Curso de História, atuando no Setor de Estudo, Teoria e Metodologia da História, e da Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com a UECE.

William James Mello

Professor Doutor, em História e Política, Departamento dos Estudos de Trabalho, Indiana University, Docente filiado do Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) de Indiana University e Professor Colaborador no Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) na Universidade Estadual do Ceará